

# Transcrição Diálogos Urbanos: Espaços Públicos

Hector Sousa  
Evaniza Rodrigues  
Kian Lemos

## [TRILHA]

**HECTOR:** Os espaços públicos são parte significativa de nossas cidades, calçadas, ruas, avenidas, praças, parques, praias, rio, mar, etc. São áreas da cidade que servem para irmos de um lugar a outro. Podemos fazer percursos a pé, de bike, transporte público ou até transporte individual, são lugares também para ficar, para contemplar, esperar, sentar, brincar, entre tantas coisas. É o lugar das manifestações públicas, culturais, religiosas e artísticas. E também o lugar de não se fazer nada. Ou seja, eles acolhem, ou deveriam acolher, uma série de usos. Ele se constitui como espaços de encontro, alegria e convivência da diversidade. É o lugar onde podemos nos reconhecer e construir nossa identidade histórica, cultural e social. E é nele que também estarão presentes os conflitos de classe, de raça, de gênero, de geração, ou seja, as disputas da nossa sociedade. É no uso desses espaços que exercemos nosso direito à cidade. E onde também podemos reivindicá-lo. Essa relação que gostaríamos de conversar aqui no nosso podcast, o espaço público como símbolo do direito à cidade.

Querida e querido ouvinte, seja muito bem-vindo e bem-vinda ao Podcast Meio-fio. Eu sou Hector Sousa e estou aqui em mais um episódio do Diálogos Urbanos. E nessa mesa pra falar sobre espaços públicos, tenho dois convidados. Primeiro, nossa convidada Evaniza Rodrigues. Evaniza, muito obrigado por topa participar aqui dessa conversa, se apresenta aí pra quem está nos ouvindo.

**EVANIZA:** Que bom tá com vocês, Hector, Kian. Eu sou Evaniza Rodrigues, sou militante da luta da moradia há mais de trinta anos. Estou aqui em São Paulo e participo da União Nacional por moradia popular.

**HECTOR:** Estamos aqui também com o Kian Lemos. Kian, seja bem-vindo.

**KIAN:** Satisfação total, muito obrigado pelo convite. Meu nome é Kian Lemos, já diria Nina Simone, nos apresentamos com nome e sobrenome. Venha da militância do movimento hip hop, da cultura periférica, comecei ali em 2012, então tem uns dez anos que a gente tá

aí fazendo essa construção através do movimento hip hop com a juventude periférica dentro de Aracaju.

## [TRILHA]

**HECTOR:** Nossa ideia aqui hoje é justamente conversar com vocês sobre o uso de espaço público como lugar de expressão das lutas, das pautas e da militância que vocês fazem na cidade. E como a forma de ocupar os espaços públicos mudou ao longo do tempo, ao longo das diferentes gerações. Uma bandeira que já está na rua desde muito tempo é a pauta sobre direito à moradia, do qual Evaniza participa ativamente. Então Evaniza eu queria conversar com você, que você nos falasse sobre a importância do espaço público como esse palco de reivindicação dos nossos direitos.

**EVANIZA:** Sabe que pra o movimento de moradia é engraçado que sempre que a gente fala, né? Que a gente precisa fazer uma ação, a gente precisa fazer uma mobilização, a gente fala, a gente vai pra rua, essa é nossa forma de falar. E parece que é até meio contraditório, né? Porque você está na rua o tempo todo, mas quando você vai pra rua de forma organizada, né? Tem alguns significados importantes. Um é dar visibilidade pra aquilo que é invisível, ou seja, todo mundo sabe que tem gente que não tem moradia, todo mundo sabe que tem gente que mora em área de risco, todo mundo sabe que tem gente morando super precariamente em área sem saneamento, em área ameaçada de despejo. Mas essa dor, essa situação não é enxergada todos os dias. Ela fica especialmente nas nossas cidades, quase colocada pra debaixo do tapete. Aqui onde eu moro, por exemplo, tem muito cortiço, né? E o cortiço, todo cortiço tem o quê? Um grande portão de chapa de modo que da rua você não enxerga o que acontece lá dentro. Então, é uma forma da cidade ocultar essa mazela, esse problema, essa situação e não querer ver. Então, a hora que a gente vai pra rua, seja numa manifestação, numa mobilização, na pressão a algum órgão público, seja na hora que a gente está ameaçado de despejo, né? E a gente então, fechar a rua é uma ação importante. É pra gente dizer que a gente existe. Se a gente não tá na rua, ninguém vê a gente, a gente não existe. Então acho que é uma primeira questão importante.

A outra coisa é levar pra essa arena pública questões que são de toda a sociedade, que não são questões privadas, então faltar moradia, não ter moradia adequada pra todo mundo, não é um problema de quem não tem casa, é um problema de toda a sociedade. E muitas vezes isso é tratado com um problema só de quem não tem casa. Então, a gente trata isso ao ir pra rua ao fazer a mobilização. Você fala não sociedade, esse problema é de todo mundo e todo mundo vai ter que trabalhar pra resolver. E o poder público como representação da sociedade tem que enfrentar esse problema. Quando isso não acontece

é o contrário, né? É o conchavo, aquele problema que é resolvido nos bastidores, nas coxias por trás das câmeras, pras negociatas, pro fisiologismo, pro clientelismo. Então, ao contrário, pra gente ir pra rua é importante porque você coloca essa questão como toda a sociedade. Pra nós falar da luta pelo direito à cidade significa que moradia pra gente não é só quatro paredes e um teto, é tudo que cerca a moradia, faz parte do direito à cidade, esse conjunto de direitos. E portanto não existe moradia se a gente não considerar o espaço público que tá em volta dele. Ninguém mora como ermitão na cidade, afastado de todo mundo e de todos, todo mundo mora na relação com o restante da cidade. Ai se eu te perguntar que bairro você mora, você já tá dando quase sua ficha completa, né? Você tá dizendo qual sua situação social, qual sua situação de vida, com as condições que você mora, só dizendo às vezes o bairro ou a vila que você mora. Então, pra gente é muito importante essa compreensão e o espaço público qualifica essa luta pelo direito à cidade.

**KIAN:** A luta pela moradia aqui, diferente de São Paulo, por exemplo, a gente tem muito pouco cortiço, geralmente é a ocupação de territórios mesmo dentro da cidade, essa ocupação de territórios que são baldios, tem uma semelhança muito forte que esse processo de organização de MST, né? E esse processo de luta contra união, daqueles territórios que não estão sendo utilizados, naquele momento. Então aqui a gente tem um “boom” de luta pela moradia assim dentro de Aracaju, que tem crescido muito nos últimos anos, principalmente com a nacionalização do MTST, deu uma fortificada em alguns estados como foi dentro de Sergipe, e dentro de Aracaju tem se conformado muito essa luta pela moradia dentro desses territórios. E conseguiu avançar um pouco nesse processos, mas concordo muito que a luta moradia ela é vista, inclusive, pelo estado e pelo município como problema de quem não tem casa, não é pensado uma política pública efetiva, é pensado uma política pública que tapeia naquele momento a necessidade daquela ocupação, mas que não necessariamente essa política pública vai ser passada de gestões em gestões e ela vai ser enraizada como política pública que vai resolver o problema que contradiz questões constitucionais, né? É o direito do brasileiro ou direito da brasileira ter uma moradia.

**HECTOR:** E vocês dois vem de gerações diferentes de militância, mas eu queria saber... vocês provavelmente vão trazer visões bem diferentes disso, mas o que mudou ao longo desse tempo nessa forma de se manifestar, principalmente na utilização desses espaços públicos para esse fim, de militância e de manifestação.

**EVANIZA:** Ah, eu posso contar algumas historinhas, eu adoro contar história. Eu acho que uma mudança mais recente, né? É a enorme privatização do espaço público, que muita gente tem visto ao longo do tempo. Aqui em São Paulo agora as estações de metrô tem

nomes de empresas, então cada empresa tá batizando uma nova estação de metrô, já não é o nome do bairro, nome do lugar, da praça. Isso tem um significado grande, ou seja, o espaço é do privado. Então acho que essa é uma coisa que tem nos ameaçado bastante, aqui em São Paulo tem uma onda de privatização de parques, né? De concessão, “ah, não é privatização, é concessão” é mesma coisa. Dar pra um privado cuidar, e nele daí tira lucro desse espaço que é de todos. Aqui o maior parque de São Paulo que fica em uma região bem privilegiada que é o Parque Ibirapuera, por exemplo, você não paga pra entrar, não é que mudou isso, mas o tipo do sorvete que tá vendendo já não é pra nós mais, agora é sorvete gelato italiano, não sei o que, que custa um dinheirão e uma família que vai com a criança pra brincar no parque, pra correr, a hora que a criança pedir um sorvete pra mãe, ela não vai ter mais aquele vendedor ambulante que ela pode pegar umas moedas e compra o sorvete pra criança, isso vai tirando o espaço das pessoas.

A outra coisa, contando umas historinhas, a gente a uns anos atrás fez algumas ocupações em frente a órgãos públicos, né? Então primeiro a gente ocupou em frente a Caixa Econômica, aqui no centro de São Paulo, e gente, nós montamos uma cidade. Era uma pracinha pequenininha que ficava em frente a Caixa, né? Nós montamos uns barracos, tinha a cozinha, tinha o espaço de aula pública, de apresentação, tinha lugar de lazer pras crianças, tinha lugar pra dormir e a gente foi se organizando e, ao longo do tempo, ao longo das semanas, né, foi virando uma cidade e era bem no centro, centrão velho aqui de São Paulo, que é super popular, então tinha tudo. Cê ia até o metrô pra usar o banheiro, você conseguia água dos comércios vizinhos, você conseguia uma coisa ou outra. A ocupação foi importante, conseguimos algumas conquistas, passou um tempo, vamos ocupar agora de frente ao Governo do Estado, que fica num bairro da elite aqui de São Paulo. E aí lá fomos nós fazer a mesma operação que a gente tinha feito no centrão, foi fazer no bairro chique. Gente, não tinha lugar pra fazer xixi. Por que? Porque os comércios de lá não deixavam a gente entrar, não tinha lugar pra buscar água, nenhum condomínio ia deixar o sem teto lá buscar água, a polícia ficava 24 horas vigiando o que a gente tava fazendo lá. Então, a gente sentiu muito a diferença, né? E é engraçado que as pessoas do movimento que talvez nunca tivessem parado pra pensar, né? Nisso começava a falar “Nossa, lá a gente tava numa praça, aqui a gente tava numa praça. Lá a gente tava convivendo com o que já existia no lugar e a nossa manifestação tava acontecendo lá, aqui a gente não consegue, né?” Porque? Se tudo é público, se a praça é pública e todo mundo deveria fazer. Então essas reflexões são boas pra gente entender como é que o privado vai comendo mesmo o espaço público. Algum tempo atrás queria se fazer uma estação de metrô num bairro também da elite de São Paulo, aí disseram “não, nós não queremos gente diferenciada circulando nas nossas calçadas, né? Só que essa gente diferenciada é que trabalha, que somos nós, é que trabalham na casa, nos apartamentos dessas pessoas, no comércio que eles frequentam, então o tempo todo a

gente percebe que é uma forma de você afastar como se as pessoas só pudessem usufruir do espaço público pra trabalhar, pra prestar um serviço, pra fazer alguma coisa pra eles, mas na hora de usufruir, aí já não é pra gente.

Em Brasília, não sei se ainda é assim, o metrô não funcionava dia de domingo. Por que? Porque o metrô servia pra trazer as pessoas pra cidades satélites de Brasília, pra trabalhar no centro e no fim de semana se você não vier trabalhar, o que você ia fazer ali? Não é pra você ali não, fique na sua. Algumas cidades que tem praia, São Paulo, a gente tem maior inveja de não ter praia aqui, né? Mas algumas cidades que não tem praia, tem a maior dificuldade com transporte público pra vocês chegarem nas praias que a elite frequenta. Então essas coisas vão fazendo a gente perceber quanto essa privatização não é simplesmente de vender um patrimônio ou de botar uma cerca, mas vai colocando empecilhos pra que toda população usufrua daquilo que é de todo mundo. Então acho que isso é uma das coisas que a gente tem visto de diferença, né? Não sei se Kian concorda comigo.

**KIAN:** Não, concordo, concordo bastante. E trazendo um pouco assim pra esse debate da ocupação cultural, né? Dos espaços. Eu acho que tem uma semelhança muito grande entre o debate da ocupação de moradia, da luta da moradia e da luta da cultura periférica. Que é de onde essa necessidade vem, acho que no processo histórico essa necessidade vem do mesmo lugar. Da ausência de política pós um processo de escravidão, nesse processo de apagar mesmo as condições de uma classe trabalhadora que era menos favorecida que tinha acabado de ser escravizada e uma outra parcela duma classe trabalhadora que não necessariamente estava naquela situação da senzala mas que não deixava de ser classe trabalhadora. Quando a gente faz o sarau, dentro da periferia, a gente leva uma questão de cultura histórica. Só que não necessariamente o sujeito da minha quebrada conhece o mc do meu estado. Ele conhece o Racionais, mas ele não tem acesso ao mc do meu estado. Então, quando a gente se movimenta, quando a gente vai lá e fecha uma rua, aqui como era que funcionava o sarau de quebrada, né? O Sarau de Quebrada foi a primeira atividade que eu entrei começou a construir. A gente parou de fazer porque a gente viu o quanto a gente estava se colocando em situações frustrantes, a gente tinha que pintar a cara de palhaço pra ir pro semáforo pedir dinheiro que era uma ruma de jovem negro e aí não abriam as janelas dos carros. Então a gente teve que começar a pintar a cara do palhaço, pra que eles dessem dinheiro pra gente pra que a gente conseguisse sustentar o som, pra botar um som na nossa comunidade, pra nossa comunidade ter alguma diversão cultural. Porque o estado não pensa política pública pra isso, né? Na verdade, o estado não pensa em política pública que solucione problemas que foram causados pelo próprio estado. E nós estamos falando de alguns séculos trabalhando nesses problemas. O estado vem trabalhando nesses problemas e

não pensam como solucionar esses problemas, né. E aí eu moro na maior periferia daqui de Aracaju.

Aracaju tem uma coisa muito interessante comparado a algumas cidades, a gente não tem o que historicamente, geograficamente, vá se conformar com a ideia de uma favela. A gente tem uma cidade quase que 100% periférica. Você pega Aracaju, não sei se você sabe, mas ela brota do mangue, e aí na área de frente pro mangue tem os ricos e ao redor desses ricos se você pegar o meu bairro que é o Santa Maria, que é a maior periferia daqui, aí a gente tem o São Conrado, aí a gente vai quebrar tem uma pequena parte que é de classe média, ali em Jabutiana, mas dentro de Jabutiana tem uma parte que é conhecida como Favelinha, que é inclusive uma zona que enche dentro desse bairro, alaga dentro desse bairro. E depois a gente vem pra zona norte, a zona norte inteira é uma periferia, são várias quebradas emendadas uma na outra. Então, existe uma zona periférica que cerca a construção geográfica da nossa cidade, que essa zona que foi o último lugar a ser asphaltado, que nessas zonas que as ocupações por moradia surgem, porque inclusive eles não tem a mínima intenção de utilizar aquele território de não sei quantos quilômetros quadrados, então, é nessas zonas que têm esses territórios que a ocupação por moradia pode vir a reivindicar, é nessas zonas que a gente tem feito as ocupações culturais.

Tô citando isso, porque por exemplo, a gente não tem um âmbito de praça fora das periferias que a gente tenha essa facilidade de ocupar esse espaço. Aí em São Paulo, quando se fala de ocupação cultural, tem a batalha da aldeia, que tá inclusive sofrendo uma série de repressões nesse momento e tal, e tem várias outras batalhas assim. Tem um porquê da batalha da aldeia ela conseguir ter uma publicidade maior, inclusive pela localidade que a batalha da aldeia ela consegue chamar gente de outros lugares, saca? Aqui a gente tem esse processo muito separado, cada periferia tem seu próprio processo de funcionamento até que a gente vai para os eventos estaduais que acontece no final desse ano. E esse processo da ocupação cultural ele foi muito surgindo da necessidade e da falta de resposta. Então, a necessidade de a gente ter alguma movimentação na nossa quebrada que fosse espaços inclusive que a gente garantisse o não acontecimento de tráfico de drogas, porque a gente consegue dialogar com o tráfico de drogas inclusive o tráfico de drogas respeita muito mais do que a polícia. A gente fez dois anos e meio de sarau, a gente nunca teve problema com a população, a gente teve problema com a polícia mais de uma vez. Existe porquê. Porque a ocupação cultural ela é também a resposta de uma necessidade, de uma necessidade histórica, a gente teve diversas vezes shows e eventos que eram marcados dentro da nossa quebrada e eles eram demarcados porque o produtor não levava tão a sério dentro daquele espaço ou coisa do tipo, e a gente fez dois anos e meio de sarau consecutivamente a gente nunca teve nenhum tipo de problema mesmo assim. Sempre veio gente de fora e a galera sempre curtiu o sarau



até que a gente começou a trazer teatro, a gente começou a trazer maracatu, a gente começou a trazer MPB e a população começou a conhecer aquele processo. A gente conseguiu trazer um teatro solo sobre a história de um menino gay que passou por todo um processo de depressão assim, era o que se contava, e da gente ter uma população da quebrada que começou a aceitar todo aquele processo de apresentação e de debate que a gente trazia pra dentro do sarau.

Então, a gente começou a entender as ocupações culturais como ferramentas educacionais também, e ferramentas educacionais que mais uma vez cumpre um trabalho que o estado não está cumprindo. Então, eu acho que tudo isso, nasce muito, de como eu falei no começo né, de necessidades históricas, que sendo bem sincero eu não queria ter que trabalhar tanto pra cumprir a necessidade do meu povo. Então, existe necessidades históricas que a gente precisa entender a partir do momento que a gente acessa, a partir de onde a gente acessa, só pra finalizar eu vivo a dizer que existe algumas coisas que funcionam dentro da quebrada e elas são propulsoras pra consequências muito positivas de realizações de trabalho, que é a cultura, a educação e o esporte. Eu acho que são três ferramentas que quando você vai pra dentro da... trabalhar com isso através, dentro de periferia a gente consegue movimentar muita coisa e mudar a realidade diversas sujeitas e diversos sujeitos, através desses trabalhos.

## [TRILHA]

**HECTOR:** Eu acho que muito relacionado a esse tema que a gente está discutindo hoje de espaços públicos e principalmente espaços públicos livres, vem um outro termo que vocês já falaram recorrentemente aqui nas falas de vocês e que foi tema também do último episódio dos diálogos urbanos que é o direito à cidade. Então queria arrematar essas falas de vocês que foram grandiosas demais, justamente nessa pergunta de que, pensando em espaços públicos hoje quem é que tem o direito à cidade pensando nesses espaços públicos, sabe? Pensando em utilizar esses espaços públicos agora não só como manifestação, mas como lazer, como parte da sua vida.

**EVANIZA:** É, eu acho que é uma questão que a gente da cultura do encontro, né? Nós temos que fortalecer essa cultura que possibilite as pessoas se encontrarem. Isso é cidade! Cidade é o lugar onde as pessoas se encontram! Se não elas viviam isoladas, né? Em lugares distantes, elas vão a gente vai pra cidade, né? E muitas são as famílias que migraram da zona rural ou algumas há mais tempo, outras menos tempo porque entendiam que aquele lugar a gente iria encontrar uma série de oportunidades, uma série de melhor qualidade de vida e muitas vezes é ao contrário, né? A periferia nos coloca, nos precariza a vida é das suas várias formas, né? Dessas várias formas e esse

espaço público eu faço sempre uma discussão com essa das nossas ocupações, nossos mutirões, né? Mostrando coisas que deveriam ser semelhantes, né? Uma avenida, o bairro de elite e uma avenida num bairro nosso. Uma outra coisa que eu acho e aí eu queria até que o Kian comentasse um pouco também mais né? É essa cultura do medo essa cultura né? Do tranque-se em casa, tranque seus filhos em casa, tranque seus jovens em casa. E pra mim essa cultura, ela é a cultura que mais desmobiliza, né? E acaba com um potencial incrível de transformação que a gente tem nas nossas periferias. Ou seja, quando você nega esse espaço de encontro, esse espaço de troca, de convivência você acaba, né, olhando pro seu problema de forma individual e não entendendo que se a gente juntar todo mundo a gente vai fazer uma zorra danada nesse lugar né? A gente consegue fazer as transformações necessárias. Então, eu vejo muitas vezes que a degradação do espaço público na periferia é uma ação intencional. Intencional pra gente não querer ir lá. Ah porque está cheio de lixo. Ah porque esses brinquedos das crianças estão quebrados, ah porque lá tem o pessoal usando droga, ah porque isso... e você vai afastando as pessoas das possibilidades de encontro. Né? A gente viu algumas ações de política pública às vezes simples. Pequenas, né? Que fazem o contrário, aqui a gente teve algumas ações, por exemplo. Primeiro, uma né? Manter a praça, manter o lugar, né? Manter as coisas inteiras, tirar o lixo, tirar os entulhos e tal fazer as pessoas acharem o lugar tão bom que não vale a pena jogar lixo nem entulho. Colocar Wi-Fi na praça. Pronto aí você vai lá, você não tem crédito no celular. Você senta lá, você quer mandar o Zap, você quer mandar o currículo, você quer falar com a namorada, você quer arrumar alguma algum trampo, você vai ali e pode usar. Então, coisas que qualificando o espaço público, faz com que as pessoas voltem e voltando mais gente, melhora o lugar. Né? Porque essa coisa do medo, né? Do lugar vazio, do beco, do lugar escuro, do lugar que não tem condição, é rompida por isso. Então, é uma coisa que pra mim é muito forte, né? Lutar pela qualidade dos espaços nas periferias é fundamental, né?

Acho que tem uma outra questão importante pra gente falar sobre, né? Que essa escassez de lugar público de qualidade acaba aumentando os conflitos. Nós aqui temos um conflito grave na periferia que é porque a juventude não tem espaço de lazer, não tem espaço de cultura, acaba, né, saindo fazendo os bailes, as festas em algumas ruas né? E os vizinhos falam “não, gente, eu quero dormir, trabalhei a semana inteira, eu quero dormir. Eu entendo que você quer festar, legal e parabéns, vai fundo, só que eu quero dormir”. E vira um conflito enorme né com a mediação muitas vezes que não é do poder público novamente né, a polícia não tem nada a dizer sobre isso. Não adianta, não é ela que vai mediar esse conflito. A prefeitura, a gestão local também se ausenta, né? Como é que se media o uso desses espaços, mas entendendo o seguinte, é porque tem pouco espaço pra muita gente, pra muitos usos possíveis, pra muitas coisas que as pessoas precisam fazer e que elas não tem lugar, né? Eu acho que entender esses conflitos



também não como uma forma de divisão, né? Ah, a juventude quer som alto e os velhinho quer dormir, né? Como é que a gente pode fazer o contrário, né? Como é que todos vamos lutar com o espaço público de qualidade pra que todo mundo possa fazer aquilo que gostaria, que tem direito de fazer, né? Então, eu acho que essas são questões importantes pra uma uma movimentação que aí junta todas as as gerações, né? Junta os moradores mais antigos, junta a criançada, junta a juventude, junta as mulheres também que também tem demandas específicas no espaço pra mulheres, né? Então como é que também esse espaço pode ter um recorte né, de gênero um recorte racial, que resgata a cultura do nosso povo, que está pasteurizada o tempo todo, né? Está sendo afastada o tempo todo e as manifestações de cultura quando não são consideradas ilegais como muitas vezes já foram, né? Simplesmente não tem lugar pra elas né? Então como é que essas coisas podem ter o seu lugar na cidade também, pra gente não viver o tempo todo, né, ficar mendigando uma coisinha pelo amor de Deus, um espacinho pelo amor de Deus, como se a gente fosse cidadão de segunda categoria.

**KIAN:** Começar por esse processo da cultura do medo, né? Por mais que a gente entenda que existe uma necessidade de fazer, mas a gente tem tanto medo do que pode acontecer por consequência da gente estar se movimentando e fazendo o papel que o estado entende que não é deles. Que não é que o estado não entende, o estado entende. O estado sabe qual é o seu papel. O estado não faz. É extremamente diferente. É que pra gente, se chega uma pessoa normal ou muito chique no nosso espaço, a gente já fica com o pé atrás. Quem é aquela pessoa? Está fazendo o que aqui? Pra que é? Se é vereador, a gente sabe que é pra tirar foto. Mas se não é e a gente nunca viu a cara, está ligado? Não é convidado nosso. Porque a gente faz uma publicidade aberta, né? Nas redes sociais. Mas a gente está acostumado com determinado público, porque é um determinado público que tem disposição pra descer pra esse espaço, pra estar presente nesse espaço e ter a disposição de resolver um problema se o problema acontecer. Porque existe uma política de extermínio a esses espaços e de extermínio os sujeitos e as sujeitas que constroem esses espaços. Então, por mais que a gente envie ofício, algo do tipo, a gente sempre tem um pouco desse pé atrás. O que é que pode acontecer a partir do momento que a gente faz aquela movimentação. Uma outra coisa, de ocupação do espaço. Não tem como a gente ocupar um espaço que não tem, não tem praça pra gente ocupar dentro da periferia. Aqui tem uma coisa engraçada, a ocupação do espaço é o resultado dele, né? Começa no sarau. A gente começou o sarau na frente de um lugar que era um prédio, não era um prédio, era um galpão, do DETRAN que guardava pneu. E aí como é que foi que a gente pensou? Poxa, é um lugar inutilizável né? Tipo, eles abrem aqui de dia, guarda pneu, de noite fica fechado pá. Não vai atrapalhar o comércio de ninguém. Vamos fazer aqui o sarau aqui nesse espaço. Era uma calçada boa né? Larga e

tal. Vamos fazer o sarau aqui. Tinha um cara que vendia acarajé, aí o cara falou “não, ajudo vocês aí a ligar energia” pá pá pá o cara já fazia dois... dois balde de acarajé no dia do nosso sarau porque ele já sabia que a venda era duplicada já. E aí a gente começou a fazer o sarau ali, depois convidamos alguns grafiteiros, grafitamos todo o espaço. Inclusive tudo isso com autorização do DETRAN pra não desgastar aquele prédio pá e tal. Mas a gente entende que ocupar o espaço, ocupar o espaço de todas as formas possíveis que a gente puder ocupar. E aí um belo dia a gente começou uma campanha pra tentar construir uma praça num espaço em frente ao sarau que é um triângulo assim, um divisor da avenida, saca? Ele divide a avenida no meio. E aí a gente começou a movimentação pra transformar aquele espaço numa praça. Apresentando um projeto de lei eleitoral pra que ele possa sair, mas não saiu de lugar nenhum. E aí o projeto chamado do lixo ao luxo de microempresários do bairro fizeram o dia de uma caminhada aqui no bairro, que limparam o bairro todo e no final da caminhada naquele espaço que a gente fazia sarau que a gente já tinha colocado o palco de palet, eles começaram a plantar, hoje em dia o espaço é todo cheio de planta, não dá pra fazer mais nada no meio porque a galera plantou esse espaço todo. O que pra gente é muito bom, porque isso muda o cenário da nossa periferia e se inicia a partir de uma movimentação que a gente fez, não foi nem a gente que fez aquela movimentação de plantar naquele espaço. Mas a nossa movimentação ocupar aquele espaço trouxe como consequência que outras pessoas se movimentaram também dentro do nosso bairro.

Então, eu acho que quando a gente eh... entende e visualiza, eu concordo com a camarada que parece que a gente é melhor de ver a cidade do que os engenheiros que a faz. Quando a gente visualiza aquele espaço, né? O que aquele espaço pode ser no futuro, a gente movimenta toda uma comunidade, não importa se aquela comunidade ela se movimenta pela ideia cultural que a gente transmitiu, ela se movimenta porque alguém está em movimento. Não era o microempresário que ia pro nosso sarau. Não. Mas o microempresário deu um caminhão de terra pra gente botar terra ali dentro daquele espaço e a gente conseguiu botar os paletes em cima. Outro microempresário deu cento e vinte reais pra gente comprar os paletes pra gente fazer um palcozinho ali em cima e fazer um sarau mais elevado, né? Um bagulho mais diferente assim. Então, foram processos de mudança que essa ocupação traz. A única mudança aparentemente que a gente não consegue trazer é na forma com que o estado visualiza a gente. Então, particularmente a gente entendeu que é começar a tentar fazer o trabalho do Estado. É começar a tentar se organizar enquanto associações, pra pensar projetos políticos, já que o estado não consegue dar conta de todo mundo que pcl, então vamos fazer pré-vestibular. Vamos tentar construir pré-vestibular com parcerias universitárias. Porque existe um espaço ali que é o meio da rua que a gente pode sentar com a galera da comunidade e trazer esse processo pré-vestibular também.

## [TRILHA]

**HECTOR:** A gente teve um debate incrível aqui e espero que nossas e nossos ouvintes tenham gostado tanto quanto eu e vou aqui agradecer e me despedir de vocês, mas eu não vou fazer uma despedida só de tchau eu vou deixar uma última pergunta um pouco mais abstrata, mas também meio esperançosa, vamos dizer assim. Então, começando pela Evaniza, Evaniza, primeiramente, muito obrigado por topar aqui participar dessa conversa e queria que você se despedisse falando um pouco pensando ainda em espaços públicos como é essa cidade ideal pra você, como você imagina esse futuro positivo pras nossas cidades?

**EVANIZA:** Ah a gente tem muito sonho, né? Com certeza tem muita coisa que a gente pensa, né? Eu acho que primeiro é isso, né? A cidade ideal é aquela que a gente se sinta parte dela, se sinta que ela... sinta que não precisa se defender dela, não precisa se esconder dela, ao contrário, né? Que a gente queira mais, né? Fazer a casa e a luta pela moradia, né? Uma luta pela qualificação de todos os espaços, não só do espaço privado, então, eu acho que essa é uma das primeiras questões. Eu fico muito preocupada às vezes, né? Quando as pessoas ficam preocupadas... ficam dizendo, não, nós precisamos fazer muro, precisamos fazer grade, não sei o que, né? Como se isso fosse, né, a solução pra um problema que não é esse, o problema não é esse, o problema tá em outro lugar, o problema tá em outro endereço na verdade, né? Então a cidade que eu penso é essa cidade aberta, né? Essa cidade que você passa por ela, né? E que ela te oferece a condição desse encontro, dessa troca, dessa possibilidade de conhecer o outro. Possibilidade de conhecer aquilo que você não conhece, seja na cultura, seja no costume, seja na comida, seja no jeito de lidar com a vida, seja das suas religiosidades mais diversas, né? Que bom, né? Que bom quando você tem essa possibilidade de ter essa troca. Então, eu tenho uma forma assim de pensar que a gente vai ter, né, que pra construir essa cidade ela precisa ser construída, né? Sempre olhando muito pro nosso lado. Não é olhando pra cima, não é olhando, não é olhando pro pra quem está do nosso lado com quem pode construir isso com a gente, né? É a cidade que você não precisa se afastar do seu lugar de moradia pra ter qualquer oportunidade na vida. Porque hoje né? A gente pode medir em quilômetros. Né? As oportunidades, seja de educação, seja de uma saúde melhor, seja de trabalho, de cultura, de uma série de coisas, né? Que é ao contrário, que a gente tenha isso a uma distância caminhável. Que eu possa caminhar até o meu trabalho, eu possa caminhar até o espaço de cultura, eu posso caminhar até o espaço da educação. Até pensando, né, nessa cidade que está sofrendo tão grandemente os impactos, as mudanças climáticas porque é uma cidade que foi feita pra dominar a natureza né? Pra

fazer a natureza eh... mas tem que tem que canalizar o córrego né? Porque a gente não tem um espaço, ao contrário, aqui nós o que nós temos é que qualificar esse espaço de cursos de água de coisas que poderiam ser a nossa salvação, não ser o nosso problema. Então democratizar essa cidade pra que todos tenham um espaço de qualidade de vida e de convivência, né? E aí tem uma uma poesia muito pequenininha que um companheiro colombiano me ensinou uma vez, né? Que fala, né: Vou fazer como caracol. Respirar fundo e sentir profundo, afinal de contas a minha casa é o mundo. Obrigada, gente.

**HECTOR:** Que jeito lindo de terminar! E Kian, muito obrigado também por topa participar aqui desse debate, dessa conversa, e fala aí pra gente também qual é a cidade aí que você imagina com esses espaços públicos ideais para você.

**KIAN:** Apesar de ter muita concordância com essa ideia da cidade sem muros, é de uma ideia de uma cidade que ela seja respirável, que ela seja habitável, que ela seja eh gostosa de se viver né? Que a gente sinta o prazer de viver dentro daquele espaço e que a gente se sinta representado, mas eu acho que tudo tem avançado tanto que eu não sei se eu tenho uma ideia conformada da ideia de cidade ideal, eu acho que eu tenho talvez que tudo tenha avançado tanto e ainda seja tão jovem, mas eu tenho uma ideia de um início de cidade que eu quero construir eh que eu estou trabalhando para construir eh pra que essa cidade ela já não seja mais racista com meu filho pra que essa cidade ela já não seja mais segregadora com os meios e com as minhas. Eh dizia Mano Brown que “da ponte pra cá o luar não representa”. E quando eu fui morar na minha quebrada aos oito anos de idade, quando eu passei da ponte eu vi o tamanho da diferença. Eu estava no bairro todo asfaltado, com prédios e fui morar num bairro que se olhasse pra direita ou pra esquerda tinha chão de terra, e rua de paralelepípedo e barraco de madeira e lona preta, e eu nunca esqueci essa frase, saca? Tanto porque é racionais, mas porque é muito forte isso que a ideia que ele dá em São Paulo replica na cidade daqui. Da ponte pra cá o luar não representa. Então, acho que seja uma cidade que entendam a gente como parte da cidade também, que entenda a gente como sujeitas e como sujeitos que construíram essa cidade com as nossas próprias mãos. Que a gente que sai da nossa quebrada pra ser pedreira e empregada doméstica. Sacou? Então é uma cidade que ela seja igualitária. É uma cidade que... que a gente consiga, enfim, acho que se sentir mais esperançosos e parte daquele ambiente, representados e representadas dentro do espaço que cidade que a gente está construindo aos poucos, né? Um pouco disso. Muito axé, forte abraço, sabedoria na caminhada pra gente. Estamos mais do que junto.

**HECTOR:** E muito obrigado a você também que nos ouviu até aqui. Eh diga aí pra gente também qual é a sua cidade ideal, esse futuro nesses espaços públicos que você imagina.

Nossa rede social @projetotradus, com S de sustentável. Ou podcast meio-fio fica por aqui. Até a próxima. Se cuidem.